

*Os usos educativos
dos contos de fadas:
um exemplo
brasileiro **

Cláudia Cardoso Martins **

* A preparação deste trabalho foi, em parte, possível graças a uma bolsa de pesquisa do CNPq. Angela Lago e Eliana Rodrigues Pereira Mendes ofereceram sugestões valiosas. Reconheço, também, um crédito intelectual enorme ao psicanalista Bruno Bettelheim, cujo livro "A psicanálise dos contos de fadas" não somente me deu uma nova dimensão dos contos de fadas, como, em grande parte, guiou as minhas idéias na elaboração do presente trabalho.

** Professora do Departamento de Ciência Aplicada à Educação - FAE/UFG.



LEWIS CARROLL, certa vez, referiu-se ao conto de fadas como um presente de amor. O conto de fadas é um presente de amor porque, como o psicanalista Bruno BETTELHEIM (1980) observou, ao mesmo tempo em que ele diverte e distrai a criança, propicia a ela a oportunidade de lidar com os seus difíceis problemas interiores e, dessa maneira, promover o desenvolvimento de sua personalidade. "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas", o novo livro de Angela LAGO (1986), ao ser um conto de fadas, é também um presente de amor – um belíssimo presente de amor, por sinal.

Vejam como transcorre a trama de Angela LAGO (1986). A estória começa com a visita de cinco pequetitas, cinco criaturinhas esquisitas, que vêm de um lugar remoto e oculto (ao mesmo tempo tão familiar – qual de nós não se lembra de Chiquita bacana lá da Martinica?) perturbar o sono da nossa herofna. Essas cinco criaturinhas estranhas representam a parte oculta e obscura da nossa personalidade – nossos impulsos mais primitivos e nossas emoções mais violentas que, freqüentemente, nos visitam à noite, aproveitando a quietude e o silêncio do mundo exterior. Tais visitas são, em geral, muito inquietantes, pois a maior parte desses impulsos e emoções é contrária às nossas restrições mais veementes e irracionais, e aos nossos ideais mais elevados.

Como a expressão da nossa herofna agarrada ao seu ur-sinho debaixo das cobertas anuncia, esse é um momento particularmente amedrontador para uma criança pequena. Sua experiência limitada ainda não lhe permite lidar com os seus conflitos interiores de maneira satisfatória, e nesses momentos ela geralmente experimenta uma ansiedade mortal, sentindo-se impotente e totalmente desamparada.

Ao externalizar esses processos internos para a criança, Angela LAGO (1986) possibilita a ela obter algum tipo de controle sobre eles. Na realidade, a autora vai mais além. Como em tantos outros contos de fadas (ver Bettelheim, 1980), "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas" sugere à criança uma maneira inteligente e astuta de lidar com as suas dificuldades internas – uma maneira que possibilita crescimento e desenvolvimento, pois promove a integração da personalidade.

Vejam como isso se dá. Enquanto as pequetitas sapateiam e saltitam, a nossa herofna resolve dar cabo de vez dessa situação perturbadora da ordem e da paz: prepara uma arapuca e consegue capturar as pequetitas. Em uma linguagem psicológica, diríamos que ela tenta reprimir os seus impulsos e desejos inconscientes e, dessa maneira, suprimir o conflito gerador da ansiedade.

Mas a repressão dos nossos impulsos primitivos não é uma solução satisfatória, pois, para que possamos funcionar bem, é necessário que sejamos capazes de integrar as tendências contraditórias da nossa personalidade. E a nossa herofna não tarda em se dar conta disso. Ela observa que, embora cativas, as pequetitas continuam com a força total, fazendo a maior bagunça: dão xiliques, ataques, tiques e traques. Mais do que isso, uma delas – Chiquita, a bacana – escapa-lhe, continuando solta, sem qualquer controle. A nossa herofna parte, então, para uma solução mais amadurecida. Sai à procura de Chiquita e, em vez de tentar capturá-la também, nossa herofna conversa, negocia com ela.

Angela LAGO (1986) está aqui dizendo à criança que a nossa natureza primitiva e animal é importante, que tem que ser reconhecida como tal, e que, se quisermos usar seus poderes de maneira construtiva e criativa, é necessário harmonizá-la com o restante de nossa personalidade. Como a autora demonstra, o resultado dessa integração é extremamente benéfico: a nossa herofna consegue dormir em paz e, para a sua surpresa, ao acordar encontra o quarto repleto de objetos, pequenos tesouros que ela ainda não reconhece como sendo seus. É que quando reprimimos o nosso lado destrutivo, agressivo e impulsivo, muitas vezes também reprimimos o nosso lado amoroso, prestativo e prazeroso, tornando-nos cegos diante do tesouro que também integra a parte obscura e oculta da nossa personalidade.

Como em tantos outros contos de fadas, Angela LAGO (1986) usa e abusa da fantasia, sugerindo que somente através da magia e da fantasia podemos penetrar no mundo da criança e, dessa maneira, ajudá-la a encontrar o significado das coisas. Mas se o livro usa e abusa da fantasia, ele possui, ao mesmo tempo, um fio condutor, impedindo, portanto, que a imaginação e a fantasia escapem ao controle da criança. Além disso, a autora termina a sua trama chamando a criança de volta à realidade, que, no livro, é representada pelo mundo adulto.

No que é aparentemente a última ilustração da estória, vemos a nossa herofna olhando pela janela. Já não há mais vestígio algum das pequetitas. Mas basta a criança virar a última página do livro para ela vislumbrar as pernas da Chiquita bacana e, com isso, a esperança de mais uma viagem ao mundo da fantasia. A autora parece dizer-nos aqui que se, por um lado, precisamos aprender a andar com os pés no chão, por outro lado, não há nada de errado com a fantasia, desde que ela não nos domine por completo. Essa é, provavelmente, a razão pela qual, ao longo de todo o livro, vários recursos gráficos são utilizados para assegurar à criança que o livro é apenas uma estória de encantamento.

O recurso (Brechtiniano?) de um livro dentro de um livro, no qual estória é relatada, relembra à criança que estamos no mundo da fantasia e não no mundo da realidade. Tal idéia é reforçada através de vários outros detalhes e está presente, por exemplo, na utilização de recursos oníricos. No livro de Angela LAGO (1986), o presente é relatado lado a lado com o passado e o futuro, representados nas páginas do livro, dentro do livro. Tampouco o espaço obedece às leis da Lógica. É possível, por exemplo, a um astronauta tocar a lua com os pés na terra, e esse uso que Angela LAGO (1986) faz da fantasia tem uma função importante.

Ao permitir à criança um certo distanciamento da estória, "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas" lhe possibilita lidar com os seus problemas interiores e, dessa maneira, encontrar conforto para as suas dificuldades. Um confronto direto com as suas dificuldades, por outro lado, poderia ser extremamente amedrontador para a criança. E, como BETTELHEIM (1980) nos relembra, o objetivo do conto de fadas é confortar, e nunca amedrontar a criança.

Alguns psicólogos são contrários à ilustração dos contos de fadas. BETTELHEIM (1980), por exemplo, acredita que as ilustrações podem distrair a atenção da criança; de acordo com ele, as figuras e situações dos contos de fadas podem perder muito do seu significado individual ao serem substanciadas através da imaginação de um ilustrador. No meu ponto de vista, no entanto, a ilustração de "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas" empresta à estória um significado da maior profundidade. Observei acima uma importante função da ilustração de Angela LAGO (1986). Há pelo menos duas outras razões que tornam a sua ilustração importante.

Em primeiro lugar, a ilustração de "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas" reforça o enredo da estória. Um observador atento notará que não são apenas as pequetitas e a nossa herofna que se movimentam ao longo do livro. Bem de acordo com o pensamento animista da criança pequena, os objetos também se movimentam, acompanhando todo o desenrolar da trama. Vejam alguns exemplos.

Na primeira grande ilustração da estória, e expressão de pânico do boneco, cujo desenho encontra-se pregado na parede ao lado da cama da nossa herofna, espelha o medo nela despertado com a chegada das pequetitas. Algumas páginas adiante, no entanto, o mesmo boneco encontra-se de pernas para o ar. Aliás, todo o quarto encontra-se em desordem; a xícara e o pires, antes sobre o criado mudo, estão agora no chão. O abajur está tombado e a tomada fora do interruptor. Até o pombo na figura de Picasso escapou e voou. A desordem é total, refletindo a ansiedade causada pela pressão dos nossos impulsos e emoções instintivas.

Uma criança mais observadora também notará mudanças nos quadros da sala de visitas, os quais representam cenas dos contos de fadas clássicos. Assim, a decisão da nossa herofna de confrontar as pequetitas está também representada no quadro que mostra o Chapeuzinho Vermelho iniciando a sua jornada por uma densa floresta. Aliás, o confronto de nossa herofna com as pequetitas, através de formas cada vez mais maduras, é representado graficamente por Angela LAGO (1986) através do desabrochar de uma semente ao longo do livro.

Aqui, mais uma vez, a autora reafirma, através do desenho, a sua convicção de que o crescimento psicológico envolve vantagens óbvias e não implica, de forma alguma, na renúncia de gratificações mais primitivas. Por exemplo, na página do livro que mostra a nossa heróina libertando as pequetitas, vemos que a letra "o" da palavra "livro" foi riscada, sugerindo liberdade e autonomia. O boneco, tão assustado na primeira grande ilustração, agora descansa em paz, sob a semente que cresceu. Na próxima página, o mesmo boneco balança alegremente sobre a semente e, se observarmos atentamente, já não é mais o pombo da gravura de Picasso que voa, mas a própria criança.

Na minha opinião, um dos pontos altos da ilustração de Angela LAGO (1986) encontra-se na representação de Chiquita Bacana e das Outras Pequetitas: Taquetaque, Tiquetique, Triquetrique e Xiquexique. Sua representação ilustra bem a dubiedade da nossa mente inconsciente. Se, por um lado, há algo de amedrontador na figura das pequetitas, há também, na sua expressão marota, algo de ternura, prazer e esperança. É provavelmente essa dubiedade da nossa mente inconsciente que permite a sua integração com o restante de nossa personalidade e, dessa maneira, o uso construtivo dos seus poderes.

Se nas primeiras ilustrações da estória as pequetitas "pintam e bordam", em uma das últimas ilustrações elas protegem o sono da nossa heróina: Tiquetique enfrenta o lobo mau da estória do Chapeuzinho Vermelho, Triquetrique faz o sapo voltar para dentro do vaso sanitário, Xiquexique fecha a porta do quarto, enquanto todas se empenham em presentear a nossa heróina.

A ilustração de Angela LAGO (1986) não se limita, no entanto, a enriquecer o enredo da história. Ao contrário de tantas histórias modernas, em momento algum a autora tenta distrair a criança de suas ansiedades e fantasias, muitas das quais ela ainda não é capaz de expressar por meio de palavras. É de dessa maneira, silenciosamente, que as curiosidades, anseios e fantasias infantis são abordados.

Assim, as fantasias anais da criança encontram expressão no sapo saindo do vaso sanitário. Os desejos orais da criança estão representados na chupeta quase desproporcional do bebê. Os conflitos edípicos e a curiosidade sexual da criança também não passam despercebidos pela autora, encontrando expressão no desenho da cama de casal: se as figuras parentais encontram-se de costas uma para a outra, o desenho das serpentes no pé e na cabeceira da cama sugere união.

A lista não se esgota aqui. Assim, a mala sobre o baú que vemos em um dos quartos, em uma das primeiras ilustrações da estória, sugere chegada, mas também sugere partida e abandono; o rato com um laço de fita sobre a cabeça do bebê sugere os sentimentos ambivalentes que muitas vezes nutrimos em relação aos nossos irmãos. Tenho certeza que vários outros exemplos poderiam ainda ser citados.

É óbvio, portanto, que a interpretação que apresentei acima é apenas uma das interpretações possíveis. Vários temas aparecem em "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas", e é justamente essa riqueza de idéias e essa variedade de significados profundos que tornam o livro de Angela LAGO (1986) uma obra de arte. Sem dúvida alguma, "CHIQUITA BACANA e as Outras Pequetitas" despertará uma significação diferente para cada pessoa e significados diferentes para uma mesma pessoa em momentos diferentes de sua vida. E a intenção de Angela LAGO (1986) não parece ser outra. A semente sobre o livro que aparece no início da estória sugere que o seu livro deve ser encarado como uma semente, cujo desabrochar ficará à cargo da própria criança.

Esse profundo respeito pela criança está claramente representado na terceira grande ilustração da estória, onde vemos as pequetitas recortando, desenhando e brincando com o livro dentro do livro. A autora está aqui dizendo para a criança que o seu livro deve ser usado com liberdade, que a criança tem o direito de selecionar os aspectos da estória que lhe parecem importantes e congruentes com o seu estágio de desenvolvimento psicológico. No entanto, ao considerar o seu livro como uma semente, Angela LAGO (1986) também transmite para a criança a sua convicção de que um conto de fadas pode ajudá-la a encontrar soluções adequadas para os difíceis problemas acarretados pelo crescimento psicológico.

Não me parece casual que Angela tenha usado dois livros para dar equilíbrio ao móvel troncho que aparece em uma das páginas do livro. Também para Angela, o conto de fadas parece desempenhar uma função educativa importante: propiciar à criança a oportunidade de conhecer melhor a si mesma e aos outros e, dessa maneira, encontrar respostas para os seus conflitos internos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
LAGO, A. *Chiquita bacana e as outras pequetitas*. Belo Horizonte, Editora LÊ, 1986.



U F M G
60 ANOS-1987